

"PLUFT" EM ROUPAGEM NOVA



Pluft, o *Fantasminha*, agora é livro. Ilustrado por Ana Leticia, a adaptação da peça homônima e a primeira incursão de sua criadora, Maria Clara Machado, no campo do conto infantil.

Atualmente, Maria Clara prepara três novos contos e a peça *Tribobô City*, sem deixar de lado sua atividade do Tablado e de professora de teatro. Além disso representará o Brasil com o seu Casulino Azul em uma exposição na Turquia.

SUCCESSO

A carreira de *Pluft* começou em 1955 com a sua representação no Teatro Tablado. A peça dirigida pela própria autora agradou em cheio a parisiense.

Pluft — diz Maria Clara — foi escrita originalmente para o meu teatro de marionetes. Somente em 1954 é que resolvi encená-la com atores de carne e osso e o público recebeu-a com o maior entusiasmo.

Em 1956, a carreira de *Pluft* adquiriu maior vigor quando a peça foi considerada como o melhor espetáculo de teatro amador e eu recebi o Saci de melhor autor de peças nacionais do ano.

Nesta época, *Pluft* começou sua carreira internacional. Foi traduzida primeiramente para o espanhol por Julieta Drummond e apresentada em Montevideo. Uma outra tradução para a mesma língua foi feita por Miguel Soares, Radilo. Seu sucesso aumentou quando o teatrólogo Michel Simon traduziu-a para o francês e publicou-a na revista *Avant-Scène*. Ai começaram a chegar os pedidos de tradução. Atualmente, França e quase sempre vêm novos pedidos de tradução para outras línguas.

A AUTORA

Maria Clara, uma das melhores autoras de peças infantis, começou sua carreira com um teatro de marionetes, que fundou e dirigiu durante cinco anos. Em 1950, recebeu uma bolsa-de-estudos do Governo francês e esteve em Paris durante um ano estudando teatro. Ao voltar, fundou no Rio o Tablado, companhia de amadores que dirige até hoje.

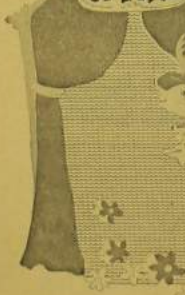
Com a adaptação de *Pluft*, o *Fantasminha* descobriu em mim uma vocação oculta pelo teatro: a de escrever contos. Agora estou terminando três contos infantis e uma nova peça, *Tribobô City*. Este nome achei em uma placa na estrada de Cabo Frio, onde estava escrito "Bem-vindo a Tribobô City." Achei, maravilhoso e tive a ideia de montar uma peça infantil, onde houvesse um *saloon*, *gangsters*, *xerifes* e outros personagens americanos, logicamente dando-lhes um caráter abrasileirado.

ILUSTRAÇÕES

Ana Leticia, gravadora, integrante do Conselho Nacional de Belas-Artes, foi a artista que ilustrou a edição de *Pluft*, o *Fantasminha*. Forma uma dupla constante com Maria Clara e tem sido a cenarista e figurinista de quase todas as suas peças.

Maria Clara, diz ela, deixou por minha conta as ilustrações do livro. Apesar de não ter sido a cenarista do trabalho, pois tenho intimidade com a peça. Já sei o que Maria Clara deseja e por isso ela me dá inteira liberdade. Assim creio que conseguirei dar ao livro as ilustrações que contribuirão para aumentar seu sucesso entre as crianças.

OPERA



Ana Leticia, autora dos cenários para o teatro, ilustra a edição de *Pluft*

BRASÍLIA, UM FESTIVAL COM POUCOS FILMES

JOSÉ CARLOS AVELLAR

Seleto filmes de longa metragem — quatro ainda não lançados comercialmente no Rio. Quatorze filmes de curta metragem, quase todos muito pouco conhecidos no Rio. Durante seis dias, em Brasília, o Sexto Festival do Cinema Brasileiro exibiu os 23 filmes que selecionou entre os 32 longos e 64 curtos inscritos, com a preocupação de compor "isto-sómente um quadro de tendências e caminhos de nossa sétima arte." O júri premiou Os Deuses e os Mortos, de Rui Guerra, o desenho animado *Bafuque*, de Shil, o ator Olon Bastos, a atriz Dina Sfat, o curto *Viva Cariri!*, de Geraldo Sarno, e o *Azyllo Muito Louco*, de Nelson Pereira dos Santos, pela produção.

A estrutura comum

É curioso observar, antes de mais nada, o ponto comum na estrutura dos filmes mais significativos exibidos em Brasília. Em lugar de uma exposição organizada linearmente existe uma narrativa apoiada na montagem de blocos mais ou menos independentes entre si. Esta sem dúvida a marca de *Viva Cariri!*, Os Deuses e os Mortos, *Azyllo Muito Louco*, *Eu Sou Vida*, *Eu Não Sou Morte* e *O Profeta da Fome*. Os blocos se sucedem segundo uma ordem principalmente musical, e não é simplesmente por acaso que a presença da música na faixa sonora destes filmes é de fundamental importância e por vezes até exaustiva.

No análise alegórica da realidade brasileira do *Azyllo*, dos *Deuses*, do *Profeta* ou de *Eu Sou Vida*, ou na análise baseada em imagens documentárias, a montagem de blocos descontinuos está presente. Está presente ainda no ritual de exorcismo de *Pecado Mortal*. E está presente como um dado que comanda não apenas o trabalho final de colagem dos planos de um filme: mais que isto, esta composição descontinua é o que determina a construção de cada um destes planos, influência a fotografia, o trabalho dos atores, a faixa sonora.

Não se pode atribuir simplesmente ao amadurecimento técnico do cinema brasileiro a brilhante estilização dos fotógrafos — Dib Luffi, Os Deuses e os Mortos, Jorj Bodansky, *O Profeta da Fome*, João Carlos Hortá, *Eu Sou Vida*, *Eu Não Sou Morte* e *Pecado Mortal* — ou a brilhante exibição dos atores — Olon Bastos, Itala Nandá e Dina Sfat em *Os Deuses*, Nildo Parente e Isabel Ribeiro no *Azyllo*, Fernanda Montenegro no *Pecado* — ou ainda a dos músicos Guilherme Vaz, do *Azyllo*, Milton Nascimento, dos *Deuses* e Jota, de *Eu Sou Vida*, sem falar na improvisação de Gil em *Cariri!* A afirmação de um a série de talentos e a consequência imediata da descoberta de um método próprio de investigação da realidade brasileira em termos cinematográficos.

A narração descontinua

Situada num esquema que solicitava dela uma participação mais criativa, a fotografia de Dib Luffi terminou por ser a peça decisiva na marcação dramática de cada um dos planos de *Os Deuses e os Mortos*, de Rui Guerra. Colocados sob uma imagem construída de forma alegórica, os diálogos de *Eu Sou Vida*, *Eu Não Sou Morte* puderam ter uma dicção clara sempre compreensível, e responsável pelo ritmo interno da estrutura. Solicitada a participar do plano dialético de *Viva Cariri!*, a improvisação musical de Gil ou as canções do ceppo de feitura emprestam às imagens informações e um sentido inteiramente novo, dão unidade à estrutura descontinua do momento.

A linha descontinua é também a marca característica do trabalho dos atores: no primeiro plano de *Eu Sou Vida*, *Eu Não Sou Morte*, Teresa Medina e José Wilker dialogam cantando, e nos planos seguintes conversam em tom normal. Em *Os Deuses e os Mortos* os intérpretes — notadamente Olon Bastos e Dina Sfat — se movimentam ora segundo uma marcação rigorosa, ora deixando-se levar apenas por um conhecimento sensorial incontrolado. Colocam-se lado a lado todas as possibilidades de apreensão de uma realidade e o produto final se mostra infinitamente mais rico.

Esta estrutura de blocos descontinuos (já anunciada em um bom número de filmes brasileiros de anos anteriores) é que dá ordem e sentido à mistura de imagens que nascem ora de uma imaginação liberta, ora organizadas segundo um cuidadoso pensamento lógico. É esta estrutura que permite a montagem da apreensão puramente sensorial e da apreensão puramente racional da realidade brasileira num mesmo plano. É esta estrutura que parece abrir ao filme brasileiro uma possibilidade de construir um método de investigação próprio, um método que é o produto da associação da bagagem cultural que o homem de cinema absorveu em sua formação a europeia, e a cultura popular que se desenvolveu a margem das escolas (e que frequentemente é mais forte que ela) nas camadas mais oprimidas da nossa população.

Os melhores

Neste seleto os filmes mais realizados do Festival me parecem

Isabel Ribeiro, *Azyllo Muito Louco*, de Nelson Pereira dos Santos



Rui Pollanah, *Os Deuses e os Mortos*, de Rui Guerra



UM POÉTICO DUELO VERBAL

No próximo dia 14 de dezembro o Teatro Municipal de Niterói sedia a ser o centro da poesia brasileira. Nesta data, e naquele local, será realizado o III Torneio Nacional de Poesia Paulista, que tem como objetivo "movimentar os diversos valores da criação poética nacional, tornando-se capaz de revitalizar e descobrir novos métodos poéticos."

Nos dois concursos realizados nos anos anteriores, Waldir Ayala (Canto a Morte) e Greg Camargo

(Metanôstos) foram os vencedores. Este ano o movimento geral do Torneio corresponde à especialização de 110 poesias inseridas correspondentes a 405 concorrentes de diversos Estados, representando Brasília e os Estados do Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Santa Catarina e São Paulo. São Paulo e São Paulo são os Estados com maior número de inscrições, cabendo ao primeiro colocado 19 mil cravados, e ao segundo colocado 10 mil, respectivamente. Os poemas são julgados, respectivamente, em ordem de classificação, serão conferidos 1.500 cravados para cada um.

A PARTICIPAÇÃO MAIOR

Além do vencedor do ano passado, Greg Camargo, estarão alguns dos representantes das mais diversas correntes da poesia atual, como Raimundo Herson, Otávio Moura, Fernando Mendes Viana, Alphonso de Guimarães Neto, Anderson Braga Herá, Luiz Alves de Castro, Carlos Nejar.

Entre os poetas mais novos, estão Ailton Pereira da Silva, Raul de Castro, Francisco Marcel, Jairo Ja-

xavier, Estelias Alves Pereira, Mauro Dias, quem todos já, com obras publicadas e apresentadas, definem suas metas.

Como tem acontecido nos anos anteriores, os poemas serão lidos por autores profissionais, entre os quais já se destacaram melancólico os poemas: Maria Penabaz, Tereza Torres, Maria Pinheiro, Sérgio Carbone, Paulo Gracioso, João Rossi, Milton Gonçalves, Rubens de Fátima, Roberto Corrêa, Paulo Paulista, Luiz Delino, Ribeiro de Araújo, Paulo Gracioso Junior, além das ilustrações dos poemas de São Paulo e o Grupo Laboratório de Niterói.